

Elenaldo, um semeador de utopias

Emiliano José jornalista, escritor e deputado estadual do PT

Há homens e mulheres que passam e deixam poucas marcas. Há outros cujas pegadas jamais se apagarão. Ao lembrarmos a morte do professor Elenaldo Teixeira, ocorrida no dia 7 de agosto de 2004, estamos falando de um homem cuja vida será sempre um sinal de luz para as gerações vindouras. Curioso constatar a simplicidade, a humildade, a dificuldade de se expor às luzes que compunham a personalidade de Elenaldo. Isso o torna ainda maior. Era professor-doutor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Foi emocionante a missa-celebração de sétimo dia que se realizou na Igreja de São Lázaro. Tão grande foi a presença de Elenaldo dentre seus amigos e familiares que, se havia tristeza, e havia, era visível também, simultaneamente, um clima de tranqüilidade, quase de alegria, entre os que participaram daquele momento. A herança, tão serenamente poderosa, aplacava um pouco a tristeza. Era como se Elenaldo, que estava numa fase feliz quando morreu, cobrasse um estado de espírito otimista, nada de choro e ranger de dentes.

Um homem de luta e de idéias. De ação e de pensamento. Um incorrigível semeador de sonhos. Que acreditava teimosa e profundamente na possibilidade de a humanidade ser melhor do que é, como lembrou a professora Inaiá Carvalho durante a celebração. Que comungava da idéia de que a política deve ser feita pela cidadania organizada. Que se dedicava a abrir a Academia para a população mais pobre, que ia sempre onde o povo estava. Trabalhava incansavelmente, juntamente com seus alunos, na capacitação de líderes comunitários e cidadãos comuns para a fiscalização de prefeituras.

Casado com a também professora Maria do Carmo, pai de Marina, Ana Rosa e Tiago, teve uma vida atribulada, rica, jogada sempre na atitude de correr todos os riscos, o maior dos quais foi enfrentar a ditadura no período mais sangrento dela. Militante da organização revolucionária Ação Popular, foi preso em 16 de julho de 1969, no Engenho Noruega, no município de Escada, Pernambuco. Mobilizava e organizava os trabalhadores dos engenhos. Tanta a tortura, que ficou quatro dias em estado de coma. Cumpriu a pena e a luta continuou - outros tempos, outra forma de militância, mas sempre com aquela estranha mania de ter fé na vida e de pretender mudar o mundo.

A universidade não foi para ele uma redoma. A produção de conhecimento não foi estéril. Quando ouvi seus alunos durante a celebração, percebi ainda mais seu carisma - eles eram levados ao trabalho com o povo em decorrência da capacidade de sedução de Elenaldo. Seu entusiasmo com a organização autônoma da população era tão grande que os estudantes envolviam-se com o trabalho, mesmo sob condições precárias. Todos nós conhecemos as difíceis condições em que se realizam pesquisas na universidade. A semente plantada por ele crescerá com a atividade dos seus discípulos. Eles próprios prometiam isso na celebração.

Defendeu tese de Doutorado em 1998, na USP. Título: "Sociedade Civil e Participação do Cidadão no Poder Local". Especializou-se de tal maneira na formação política de estudantes, agentes comunitários e gestores públicos que se tornou conferencista disputado por organizações não-governamentais e por

autoridades públicas. Procurava dialogar com o poder público. Recentemente, convidou o ministro Waldir Pires para uma conferência em seminário que organizara sobre fiscalização de contas públicas. Já era íntimo do Movimento de Organização Comunitária (MOC), da **Associação dos Advogados dos Trabalhadores Rurais (AATR)**, da Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais (Abong) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entre tantas entidades.

Diante de figuras como Elenaldo é fácil perceber a grandeza da vida. Ele se foi, mas deixou tanta coisa de si que, de alguma forma, sempre estará entre nós. Deixa entusiasmo, esperança, crença no povo, amor por sua mulher e seus filhos. Deixa sua serenidade, sua fé na redenção da humanidade pela própria humanidade. Seu otimismo sereno e determinado, sua convicção de que a cidadania tudo pode, de que a política vale a pena se contar com a participação organizada dos de baixo, que um dia deixarão, por isso mesmo, de ser dominados. Pudessemos ele próprio comentar sua partida e deixaria um recado a todos nós: Valeu a pena ter vivido. Continuem a caminhada junto com o povo brasileiro.